



Antes de iniciar a sessão, a objetiva do Globo focalizou esse aspecto da mesa, vendo-se o médium (o terceiro, da E. para D.) ao lado de seu irmão José Cândido, que preside os trabalhos. À esquerda, o enviado do Globo examina os papéis em que o médium irá psicografar as mensagens do Além.

6

EM PLENA SESSÃO ESPÍRITA, CHICO XAVIER PSICOGRAFA UMA NOVA CRÔNICA DE HUMBERTO DE CAMPOS!

**“QUANTO A MIM, DIGAM QUE EU ESTAVA
POR DETRÁS DO VÉU DE ÍSIS” – ESCRIVE NA REFERIDA
MENSAGEM O ESCRITOR MORTO**

*O início dos trabalhos – A surpresa do engenheiro –
Chegam os mortos – O “Modus Operandi” dos espíritos –
A assistência agita-se e o jornalista perde a mais
sensacional das entrevistas...*

PEDRO LEOPOLDO, 25 – (Do enviado especial do GLOBO, Clementino de Alencar) – Continuação – Passam-se três ou quatro minutos de silêncio profundo.

Lá de fora, do mundo dos vivos, chega-nos apenas, abafada, de uma casa distante, a “Voz de São Paulo” - novecentos quilômetros ao sul – através do rádio: milagre para o século XVI, vulgaridade de hoje...

Vencendo em parte a emoção inicial, ponho um olhar furtivo no “médium”. Sua cabeça pende um pouco, para frente. Ligeira palidez acentua-lhe o moreno do rosto e, sob as pálpebras semi-cerradas, percebem-se os olhos imóveis. A mão inerte, armada de lápis, descansa sobre o papel. No rosto, como de cera, apagou-se o sorriso, já não há uma expressão.

E, sobre esse rosto e aquela mão, vela o olhar da assistência.

A Rubrica

Por fim, percebo no “médium” ligeira palpitação. Seus lábios se

abrem, num sopro, e deixam cair esta frase, como em resposta a uma exigência que ainda nem fora feita:

– Emmanuel diz que podem rubricar as folhas...

Emmanuel é o espírito-guia do “médium”.

Procuro com os olhos o engenheiro Andrade Pinto e o promotor Washington Floriano. Duas leves expressões de surpresa.

José Cândido me estende o bloco de folhas virgens, ao alto das quais deixo a minha rubrica.

O mesmo fazem o promotor e o engenheiro.

O bloco volta ao “médium”. De novo seu rosto e seus olhos se imobilizam na inexpressão.

Mais um minuto de silêncio, e a mão do “médium” reanima-se, procura o alto da primeira folha.

Os mortos chegam

São “os mortos que chegam”, segundo a imagem que nos sugerira, há pouco, a expressão de um dos presentes ante a casa cheia de vivos.

O lápis desliza, rápido, e o seu rasto, sobre o papel, é uma letra grande, bonita, redonda.

São versos. De lá, pois, no mundo misterioso e distante das sombras invisíveis um poeta de outros tempos desceu e canta agora sobre o silêncio das nossas almas.

José Cândido vai virando as folhas. A mão do “médium” grava a primeira assinatura e, depois de ficar um instante suspensa, no ar, prossegue, rápida. Mais versos. A letra torna-se então miúda, reta. Outra assinatura. Outro poeta. Outra pausa ligeira. E a mão retorna ao papel. A letra arredonda-se, de novo, mas já não tão grande e bonita como a primeira. É ainda um poeta – ou melhor, uma poetisa, conforme verificamos depois – o terceiro iluminado que nos envia o seu canto, a sua mensagem, a sua confiança.

O “modus operandi” dos espíritos

Tudo o mais, no “médium”, é imobilidade. E, enquanto a mão corre ágil, sobre o papel, a atenção com que a acompanhamos se dilui, por vezes, numa indagação muda e profana do nosso entendimento, seduzido pelo fenômeno.

Será mesmo, aquele que ali está à nossa frente, o caixeirinho simplório de “seu” Zé Felizardo?... Mas então é aquela imprevista faculdade criadora que a mão calosa revela?!...

Consultando na véspera, o arquivo de Chico Xavier, lemos, numa daquelas mensagens do Além esta passagem em que Emmanuel, o espírito guia do “médium”, nos dá uma explicação sobre o “modus operandi” dos espíritos:

“Enviam aos homens a sua mensagem luminosa dos cimos resplandecentes em que se encontram e, formulando o desejo de ação nos planos da materialidade, a sua vontade superior atua imediatamente sobre o cérebro visado, o qual se encontra em afinidade com as suas vibrações e através de forças teledinâmicas, as quais podeis vagamente avaliar com os fluidos elétricos, cuja utilização encetais na face do vosso mundo, influenciam sobre a natureza do sensitivo, afetando-lhe o sensorio, atuando sobre os seus centros ópticos e aparelhos auditivos, desaparecendo perfeitamente as distâncias que se não medem; na alma do “sujet” começa então a se operar a série de fenômenos alucinatórios sob a atuação consciente do espírito que o guia dos planos intangíveis.

Este, segundo a sua necessidade, indu-lo a ver essa ou aquela imagem, em vibrações que o envolvem, as quais o sensitivo traduz de acordo com as suas possibilidades intelectivas e sentimentais.”

Dos planos intangíveis... Eis de onde nos chegam, segundo a explicação espírita, aquelas “mensagens luminosas”, o brinde imprevisto daqueles versos. E mais se nos aguçam as faculdades perceptivas, a idéia daquelas “vibrações que envolvem o médium”, que, pois de certo, já ali palpitam, invadem o ambiente, alagam de estranhos eflúvios o silêncio transformando, de improviso, a residência pobre de um seleiro do sertão, numa espécie de parlatório maravilhoso onde vão conversar a Vida e a Morte.

A impressão é tão forte que, instintivamente, erguemos a cabeça e olhamos em redor, na esperança – talvez também com o pobre receio humano – de um sinal mais perceptível daquele mistério que nos tenta e assombra.

Dez minutos

Nada. Em redor, tudo é silêncio e imobilidade. A vida resume-se numa grande e atenta mudez. E, do Além só o milagre daquela mão que corre na vertigem do cursivo redondo.

Súbito, uma pausa mais demorada um pouco do que as antecedentes.

José Cândido põe de lado as folhas já escritas.

A vida faz então uma observação quase ciciada pela boca do promotor Washington Floriano:

– Dez minutos...

Foi o quanto durou a corrida do lápis sobre o papel.

Por detrás do véu de Ísis

A pausa, porém, é muito curta. Logo o lápis retorna ao papel, veloz como sempre. Agora, é prosa. Parece que a vertigem aumentou. As páginas se sucedem com rapidez. Em dado momento conseguimos ler, mas apenas frases esparsas, entre as quais esta que gravamos logo:

“Quanto a mim, digam que eu estava por detrás do véu de Ísis.”

Quem será que agora nos fala, dos cimos resplandecentes?...

Há um momento em que minhas idéias se confundem, entre a curiosidade e a atenção. Esta, desviada, pára na voz abafada do rádio que nos manda aos ouvidos um trecho de opereta. Mas a voz de José Cândido me surpreende:

– Concentrem-se, irmãos. A corrente está fraca...

Realmente a mão do “médium” estacara. Mas foi tudo um instante. A “corrente”, de certo, intensificou-se outra vez, porque o lápis retoma o cursivo.

Intimamente, me ocorre:

– Teria sido eu a causa do enfraquecimento... O trecho de opereta?... o rádio?... a atenção erradia?...

Vem-me a curiosidade de verificar. Torno a atentar na música. Mas o acidente não se renovou. A “corrente” sustentou o “médium” até ao fim. E quando ele pôs ao fim da mensagem em prosa, o nome de Humberto de Campos, a assistência não se contém mais. Começa a agitar-se um pouco. Mãos ansiosas se estendem e apanham as páginas escritas.

Um sussurro de comentários abafados invade o silêncio.

O presidente da sessão pede que se renove a concentração:

– Há duas consultas sobre a mesa, para serem respondidas.

Mas o sussurro não cessa. Pelo contrário, acentua-se.

Ergo a mão e faço um sinal ao José Cândido. Esse é para mim o momento decisivo. Eu tenho algumas perguntas a fazer àquele que – misté-

rio e milagre – lá dos “planos inatingíveis”, assina ainda na terra Humberto de Campos, pela mão humilde de Chico Xavier.

Mas é tarde. A assistência continua a agitar-se. A “corrente” quebrou, de vez.

O “médium” deixa cair a cabeça sobre as mãos, como que exausto.

Sob os meus lábios borbulham inutilmente as perguntas que eu trazia.

Eu perdera a mais sensacional das entrevistas...